

Manso no tom e forte na ação

AUSTREGESILO
DE ATHAYDE *SARNEY*

A entrevista que o presidente José Sarney concedeu aos correspondentes de jornais estrangeiros, aqui acreditados, foi muito proveitosa, por algumas definições sobre importantes problemas, na ordem doméstica como na externa. O caso das nossas dívidas à banca internacional. Na essência a posição atual é a mesma do governo anterior: consideramos questão de honra pagar até o último centavo. Mas mudamos no tom das conversações com os nossos credores e sobretudo dos nossos entendimentos com o famigerado FMI. Não voltaremos a escrever Carta de Intenções, de que foi muito farta a administração autoritária. Escritas, é claro, para não serem cumpridas, podendo-se aqui repetir que de boas intenções está calçado o chão do inferno.

O Presidente foi muito claro ao dizer que o Brasil não se submeterá a nenhuma imposição de fora, no sentido de tornar ainda mais difícil a situação econômica com terríveis reflexos sobre a parte mais exposta da coletividade: os trabalhadores, a classe média, a recessão e o desemprego. Vamos pagar, é certo, dentro da conceituada honestidade do nosso País, em suas relações com os prestamistas estrangeiros. Mas, para fazê-lo, é preciso que seja considerada a nossa possibilidade de recursos, gerados com o nosso trabalho, no âmbito da produção, comerciável. Se reduzem essa capacidade de produzir, com que roupas iremos à festa do pagamento?

Falar claro e de maneira decisiva é uma técnica que dá bons resultados. Basta fazer sentir aos credores que, querendo que fiquemos aqui de língua de fora, correm um grande risco. Já se disse que depende do Brasil o equilíbrio das finanças mundiais. A inadimplência brasileira poderá levar à bancarrota alguns dos mais prestigiosos estabelecimentos bancários da América e de outras implicadas na onzena mundial.

1.8 JUL 1985

CORREIO BRAZILIENSE